

# Quando a casa queima, só resta construir o tempo da delicadeza

por Maria de Fátima Vicente<sup>1</sup>

Enviei uma proposta de texto para apresentação ao Entretantos Cá Entre Nós, em que afirmava a pretensão em realizar uma reflexão sobre o ano de trabalho de 2021, junto ao Curso de Psicanálise, particularmente na efetivação do Seminário, que para os efeitos da reflexão pretendida passava a ser nomeado “Laço social contemporâneo em 2021 - uma rede de sustentação psíquica e relacional”. Concomitantemente ao envio à Comissão organizadora do evento, enviei a referida proposta para alunas e alunos que participaram daquela experiência, pedindo-lhes autorização para usar os registros de WhatsApp. Recebi autorização, comentários sobre a proposta e sobre o acontecimento a partir do qual o texto se escreveria, assim como estímulos para a escrita. O texto que segue é o resultado daquela proposta inicial e foi lido, sem as últimas duas páginas, por razão de tempo, no Cá Entre Nós, em 30 de setembro de 2023.

*Às terças, das 9h às 10h30, no Sedes, mas online*

Então, naquele ano de 2021 o seminário começou diferente. Habitualmente, espero o início das reuniões em sala de aula para depois estabelecer a lista dos alunos que cursarão meu seminário, após os haver conhecido e eles a mim, e após as confirmações de inscrição pela secretaria do Sedes. Porém, desde 2020, “habitualmente” era o tipo de coisa que não se segurava mais em pé. Os hábitos antigos tornados obsoletos, os novos ainda por vir, intervalo de lusco fusco que se costuma dizer que “gera monstros”, mas que naquela nossa atualidade distópica me parecia vir gerando confusão e inércia, o que eu esperava combater com atitude mais ativa como coordenadora do Seminário.

Mas, além dessa filosofia da educação de botequim, o fato é que havíamos passado a depender direta e estritamente da tecnologia para estabelecimento de contato e, isso posto como incontornável, criei um grupo de WhatsApp com os alunos, por meio do qual lhes enviei a seguinte mensagem: “Olá pessoal, Boa tarde! /Último domingo antes do recomeço das atividades no Sedes. Aproveitem bem! / Este é o nosso grupo do Seminário “O Laço social contemporâneo - destinos pulsionais, sintoma social e situações-limite”. Como o nome é grande, para identificação deste grupo ficou só “O laço social contemporâneo” / Peço que vocês confirmem o recebimento desta mensagem, pois, dessa forma saberei se consegui criar o grupo a contento do WhatsApp. / Aguardo! Abs. Como finalização da mensagem, acrescentei um

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora no curso de Psicanálise.

emoji de uma mulherzinha de cabelos escuros acenando. Eu ainda não havia me dado conta o suficiente que, durante o confinamento pandêmico, a extinção da tinta de meus cabelos os deixara à descoberto, quase totalmente brancos. Estranhos até para mim! Com certeza, outros tempos!

Logo em seguida os alunos que haviam se inscrito para o Seminário começaram a responder, confirmando recebimento. Os já antigos conhecidos desde o seminário de Pulsões, do segundo ano anterior, respondem com brincadeiras, como por exemplo, “*J’Accuse*” ou “está a contento do WhatsApp”, outros, respondem de modos mais contidos, mas não menos informais. Logo também começa a se criar uma rede de apoio à tarefa e às pessoas “Fátima, a Rose não está no grupo” (...) “O telefone dela é novo”, e, a seguir, a pessoa compartilha o contato da Rose para que eu a incluía. Logo mais tarde uma tirinha da Mafalda passa a ser a imagem do grupo.

*“Quino: ‘practicas algún deporte de riesgo?’ /*

*Mafalda: Sí. A veces doy mi opinión’*

O grupo promete!

Uma colega-aluna, Valdira, em trancamento parcial, não está incluída na lista pela secretaria do Sedes e logo pede a inclusão, pois sabe que já está rolando. Torno todes administradores do grupo, para que qualquer de nós possa resolver coisas assemelhadas a essa.

No decorrer do desenvolvimento do processo do Seminário o grupo de WhatsApp será o veículo por meio do qual o link do Zoom será enviado encontro a encontro, o lugar em que comentários de fatos coletivos, jornalísticos ou outros, serão feitos, outros serão desenvolvidos a partir dos acontecimentos em aula; será também o lugar das indicações de leituras complementares, ou então, as leituras específicas para a aula seguinte serão informadas, ou textos escaneados - adobados, dizíamos chistosamente - serão enviados. Ou por mim ou pelos alunos. Mas, o que principalmente é possível reconhecer em posterioridade, acompanhando o que tramitou pelo WhatsApp, é que esse grupo de mensagens se tornará um modo de fazer a modulação dos acontecimentos em aula e/ou da realidade social compartilhada.

Um circuito que fará pontuação nas intensidades dos acontecimentos que, às vezes, só por haverem sido ali nomeados, tornam-se pensáveis, quando excessivos. Naquele então, quase todo dia. Ao que parece, por meio da resposta dos colegas, ou mesmo apenas por meio da inscrição de uma notícia ou comentário como mensagem no grupo, se fazia uma inscrição minimamente necessária à memória comum. Por sua vez, essa podia vir a se desdobrar em um outro tipo de vínculo, o da inscrição psíquica singular, que se articula à história subjetiva de cada um e de cada uma, segundo suas particulares afetações a partir dos específicos acontecimentos.

Um processo de elaboração como esse, se não garante a elaboração suficiente de vivências violentas, eventualmente traumatizantes, a que estávamos expostos, testemunha, no entanto, da necessidade incontornável da presença do outro como condição de elaboração subjetivante suficiente, que constrói uma história própria. Nesse grupo, esse outro estava presente.

Penso que esses processos de modulação das intensidades e de registro subjetivo da experiência aconteceram em vários momentos, várias vezes, também a partir de discussões do texto em aula, e para dar um exemplo, seleciono um deles, quando a questão da transmissão entre gerações de vivências difíceis irá se destacar, por meio de referência a familiares que passaram por experiências totalitárias - no caso, o fascismo, na Itália. O processo de 'comentário de texto' levará à atualização de um acontecimento passado específico, por meio de sua presentificação no testemunho de uma neta sobre a história de sua avó. O texto que está em pauta é de Eugênio Bucci, *Segura o Fascio* e, concomitantemente, há também conversas sobre o filme referido pelo texto - *Um dia especial*, de Ettore Scola, além disso, se faz articulação desses materiais com a recente leitura de "Psicologia das massas e análise do Eu", materiais de trabalho que serão amplificados pela narrativa daquela neta.

O relato trará à baila os atos violentos praticados por um soldado italiano durante o fascismo de Mussolini contra sua avó. Esta havia contado à neta da violência sofrida e do gesto de revolta que lhe sobreviera.

O relato compartilhado atualiza as lembranças da neta, afetos são ativados e essa jovem mulher, psicanalista em formação, pode fazer tramitar um pouco mais a passagem daquela vivência da avó como uma experiência (in) formadora também sua, que se articula - e lhe permite se posicionar - no contexto fascista de nossa situação histórica presente. O que é da ordem de uma história pessoal recobra, pelo relato testemunhado e participado, sua condição de fogo ardente nuclear de uma experiência viva e fará efeito de contágio sobre os outros.

No WhatsApp e, novamente em aula, os efeitos desses acontecimentos se desdobrarão e se multiplicarão por meio das associações dos demais participantes. Discussões e relato repercutirão em cada um e cada uma e é trazido a referência a um conhecido documentário de uma paciente de Lacan, no qual ela conta do efeito liberador de uma intervenção daquele seu analista, que, na sessão, com um gesto delicado sobre seu rosto - *gest à peau* - colaborara para a ressignificação de um circuito sonoro de sua experiência nefasta. O gesto daquela avó da qual se falava havia sido uma bofetada, o que a deixara orgulhosa e amedrontada. O gesto sobre o rosto circula em diversas posições, injúria, resistência, elaboração.

Fala-se da experiência histórica e das experiências de ressignificação de acontecimentos transgeracionais em análise. E da necessidade de ressignificações de experiências traumáticas em contextos socialmente compartilhados, no espaço público. Posteriormente, aquele documentário referido é postado no grupo, para conhecimento. Ele não será qualquer discussão. Talvez sua possibilidade disparadora já estivesse esgotada ou talvez o processo todo houvesse sido já suficiente para o momento.

Estamos nos meados do primeiro semestre do Curso e, durante esse período, divulgações e convocações para atos de resistência e protesto haviam sido

postados com frequência e haviam sido comentados pelo grupo. Atos para marcar o luto pelas vidas perdidas para a Covid, perda que será sempre articulada à sua especificidade brasileira de morticínio promovido pela política de morte vigente durante o governo de Bolsonaro. Atos de protesto e de produção ativa de lembrança que convocam. O artigo de Claudia Arbex, “O nome da Coisa” - que trata da impropriedade de se nomear como pandemia a situação brasileira, mas convoca a que a chamemos de morticínio, também circula pelo grupo de mensagens. Uma entrevista de Eric Laurent, dada há onze anos na França e replicada pelo Facebook, em que o psicanalista fala da implicação política do psicanalista também circula nas postagens do grupo; ambos os artigos são enfaticamente valorizados, sem que sejam levados à discussão. Talvez os discutir não fosse necessário.

Alguns meses mais tarde, no início do segundo semestre, o tema de como se trata e se transforma o que se recebe das avós, das gerações anteriores, retorna por meio de uma divulgação do lançamento do livro de Djamila Ribeiro, *Carta à minha avó*, postada pela neta daquela outra avó.

Abrem-se vias de trânsito entre as memórias das Guerras Mundiais - deveríamos chamá-las apenas de europeias? Tantos efeitos nos dois, três ou quatro mundos... - e as lembranças do passado ancestral, cuja historização foi sistematicamente apagada e que continua dependendo de sua constante e reiterada transmissão oral, agora, por meio da escrita auto ficcional, testemunhal, decolonial por excelência.

Penso, enquanto escrevo, que a História, escrita e oficial e aquela da tradição oral, entram em trabalho recíproco. Uma encobridora, asseguradora da estabilidade do passado, outra fragmentária, pulsante, que se dissemina por contágio, que se capilariza e desaparece para ressurgir mais adiante ou mais tarde. Nenhuma delas completa, ambas necessárias ao pensamento de desejo que enraíza a reflexão e as ações que promovem os futuros. Ambas em direção à continuidade da vida pós despertar que o processo analítico e de formação de psicanalistas convoca e requer.

Considero que um pouco dessa dinâmica de trabalho recíproco acontece também entre o trabalho desenvolvido nas aulas, em que o texto escrito, mais ou menos canônico, verticaliza a discussão (o texto e o eixo programático) e os comentários e acréscimos aportados por todos e por qualquer um de nós no grupo de WhatsApp leva à multiplicação e à capilarização das discussões.

Efeito que não deixa de ocorrer também nas aulas, mas que ganha uma dimensão de conexão aberta para além da especificidade da transmissão da Psicanálise no contexto do grupo de WhatsApp.

Ou, que desvela de forma mais *evidente* essa abertura. Relembro neste momento um dos textos que circularam como sugestão de leitura ao estilo ‘a quem interessar possa’, texto em que se discute a importância da imagem (no caso, da fotografia) como modo de representar o que é irrepresentável, ao mesmo tempo que exige a representação. Havíamos lido “A História como trauma” de Márcio Seligmann-Silva, em *Catástrofe e representação*.

Se o recurso ao WhatsApp pode apontar vias de abertura para o além da psicanálise e do predomínio do texto escrito - em sentido estrito -, nessa rede específica construída por esse grupo se pode também às vezes reconhecer tanto os bastidores de uma dada discussão, as ações que construíram sua condição de possibilidade, como também se pode encontrar indícios de algo que vai mais além, mesmo desse mais além do saber psicanalítico. Que vai ao encontro do mais além próprio à transmissão do inconsciente. Voltaremos a isso depois.

Por ora, voltemos ao relato da neta sobre sua avó. As ações que tornaram possíveis os elementos que a desencadearam não se relacionam diretamente ao conteúdo do relato, mas lhes dão continência. A primeira dessas ações foi a própria divulgação do texto de Bucci, a qual é precedida de um pedido de discricção e sigilo, uma vez que o livro em que se encontra o texto só será lançado no sábado seguinte - estamos na terça - e o autor pediu que não fosse divulgado até então. O cedente do “material proibido” afirma estar a transgredir e fazer circular apenas “no nosso grupo.” Desnecessário pedir que não o façamos circular, pois, naquele momento do processo grupal, somos já um “nós” sólido e bem fechado. As ações para tornar acessível o filme referido tem grande destaque nas comunicações seguintes e, por uns dias, procura-se pelo filme em diferentes lugares “Acho que tem no Prime”, um diz, mas não tem. “Tenho no meu computador, mas não sei enviar um arquivo tão pesado”, outra informa, ao que uma terceira responde “procura no Google, parece que tem jeito”, mas isso não resulta. Um dos alunos, até então quieto, se empenha em conseguir baixar o filme, fora do circuito das plataformas oficiais, por um método bastante complexo e trabalhoso, e que é devidamente explicado no grupo em um passo a passo bastante eficiente, sem deixar de avisar a todos que é “pirataria pura, mesmo!”, ao que eu respondo que é sim, “mas muito sofisticada”. Logo, outras dicas de piratarias possíveis surgem, timidamente, ao que, mais tarde, o grupo conclui que “Somos muitos os piratas do Tietê!”. Prossequimos.

Quando se aproxima a finalização desse primeiro semestre do seminário sugiro que façamos uma avaliação dos trabalhos na última reunião antes da interrupção de julho. Nas semanas anteriores à avaliação, duas postagens que são feitas chamam muito minha atenção, a “recomendação veemente” para que a gente assista o documentário *Travessia do silêncio, testemunho e reparação*, postagem assinada pela Clínica da Cidade, da qual uma das alunas é participante - é relativo ao dia 26 de junho que é o “Dia internacional de apoio às vítimas da ditadura”. A segunda delas, um vídeo “para celebrar o mês da mulher” (? Me espanto) é a gravação de Corta Jaca, cantado e dançado ao modo dos tempos pandêmicos, ou seja, cada um e uma em sua casa e todas, todos e todes nos quadradinhos, em um documentário chamado *Maxixe, dança excomungada*, que canta e conta a história do maxixe como a dança excomungada pela Igreja, por seu caráter lascivo.

A postagem diz “tentando trazer isso para o nosso grupo”; o documentário afirma, maxixe, “a primeira dança mesmo brasileira, a de nossa brasilidade, com as raízes africanas, brasileiras - indígenas e europeia, dos portugueses

pobres, - não só na música, mas das culturas” ...” por que excomungada? Porque fala de nossa afro brasilidade...’

Respondo a ambas as postagens, à primeira, dizendo, “Oi Camila, que legal trazer isso para cá”. À segunda, não entendo, mas aprecio com animação - não sem pensar que o documentário pudicamente excluiu as polacas, que trouxeram as polcas nos navios. Respondo a ambas com a postagem da gravação de *O seu amor*, da página de Gil, no Facebook, em que ele conta que essa canção brinca com o *slogan* da ditadura “ame-o ou deixe-o”. Trocando apenas um conectivo, se opõe ao pensamento maniqueísta “ou, ou” que se pretende hegemônico, aventando-lhe as possibilidades em “e”: “eu e ele e ela e tantos outros” (...). Evidentemente, diz Gil, “uma música para nós, uma música de ensinamentos básicos de sobrevivência amorosa”. Só agora me dou conta que o dia da postagem, 28/06, é o Dia do orgulho LGBTQI+, conforme informa a página de Gil. Como legenda à minha postagem, escrevo:” Assistam. Vale a pena”. Camila responde, “ô se vale...”.

O primeiro semestre termina por aí e, em posterioridade, me dou conta que “Somos muitos os piratas do Tietê” e “Maxixe, dança excomungada”, faziam parte de uma avaliação indireta e inadvertida daquele primeiro semestre. Havíamos feito juntos uma experiência Entre Nós, de transgressão dos cânones formalizados de uma formação de psicanalistas e de transmissão da Psicanálise, - “tentando trazer isso para o grupo”: a pirataria, a excomunhão, porque se sabe e se quer rebolar, o orgulho gay LGBTQIA+, as racializações necessárias a uma brasilidade emancipatória... Novos contágios para a Psicanálise.

O segundo semestre se iniciará com minha postagem ativa de chamamento. “23 de julho de 2021: “olá pessoal / Aproxima-se o retorno de nosso Seminário. Enviarei em breve, “instruções” para a próxima aula / Emoji com cara de “sem noção” / Por agora, envio um artigo de Roberto Romano que morreu ontem por consequências da Covid. O artigo é de junho ou julho de 2019 e faz uma análise fina da situação do país desde então. Tão precoce e certo quanto Freud sobre a I Guerra. Leiam, só pelo gosto de reconhecer que há pensamento possível, apesar de...Bjs e os espero na primeira terça de agosto/ Assino com um coração vermelho.

### ***Reflexões a partir do Seminário conforme aconteceu***

Nós nos acostumamos, durante os variados tempos sombrios deste país, a valorizar as ações coletivas ou atos individuais em que a dimensão da resistência pudesse ser reconhecida. Atos e ações - denúncias, manifestações, protestos, passeatas e marchas - que se opuseram aos efeitos político-sociais da violação dos poderes constitucionais do frágil Estado de Direito que historicamente caracterizou a democracia no Brasil.

Em momentos específicos outros, passamos a valorizar também as ações ditas menores, pelo menos em termos da perspectiva política tradicional, aquelas que, além de se orientarem à denúncia e ao protesto, acabaram por se constituir em um dispositivo, inicialmente espontâneo, depois instituído, de

acolhimento, pertencimento e tratamento dos efeitos psicossociais daquelas violações.

Talvez o ponto zero de essa guinada, que pode reconhecer e valorizar em sua eficácia política a ações não tradicionais, tenha sido a chacoalhada mundial que representou o advento das Mães da Praça de Maio (Madres de la Plaza de Mayo) durante um dos momentos mais trevosos da ditadura argentina.

A marcha em círculo em frente à Casa Rosada, porque estavam impedidas de fazer protestos à frente dela, a insistência na reivindicação impossível de “con vida los queremos”, quando todos podiam supor que os desaparecidos pelo regime haviam sido mortos por assassinos desse mesmo regime, a fralda de bebês usadas como lenços na cabeça - que viria a se tornar emblemática do movimento desenhada mundo afora - marcando que para uma mãe seus filhos sempre serão atendidos e buscados quando dela necessitarem. Como bebês, tudo isso levou, primeiro, a que fossem designadas como loucas por aquele mesmo regime que ignora amor, ternura e compromisso com a delicadeza da vida.

Desde Paris, Cortázar lhes escreve uma bela poesia, as loucas da Praça de Maio, que, corre mundo e torna conhecida as atrocidades que se praticavam nos porões da democracia, ainda que a céu aberto e endereço conhecido. Suas ações demonstram-se assim como ações políticas dignas de reconhecimento, a essas mulheres, cuja única qualificação era serem mulheres e mães, tornam-se emblemáticas de um novo modo de luta.

Em anos posteriores, muitas outras mães do mundo levarão adiante lutas políticas significativas, estrategicamente organizadas, como as anteriores lutas da política tradicional, mas que se pautam também pelos objetivos de acolhimento, pertencimento e tratamento dos efeitos psicossociais daquelas violações, como dito anteriormente, e que criam os dispositivos necessários para isso. Frequentemente, os dispositivos nascem de modo espontâneo das circunstâncias imprevistas para as quais ainda não se tem ou para as quais se perdeu os modos habituais de as encaminhar.

O que há de específico nisso é que se instaura uma lógica da experimentação - em algum momento, em texto anterior sobre *Era o Hotel Cambridge*, chamei isso de gambiarra / em analogia à geringonça, modo com que a aliança política portuguesa contra a direita se chamava a si - lógica de experimentação que irá preceder e fundamentar as possibilidades de abstração. Entretanto, lógica que irá transtornar a lógica da abstração que se quer universal, o modo de abstração próprio ao pensamento hegemônico, pois irá introduzir nele a dispersão, a fragmentação, a reunião ao estilo de mosaico de caquinhos, a supressão da exigência do desempenho a qualquer custo e do resultado máximo, uma vez que o acolhimento da angústia transbordante e a promoção das ligações possíveis entre o sujeito e seus objetos, por meio do desejo, serão operações tão ou mais significativas do que aquelas outras.

Considero que na experiência do grupo desse seminário os usos do WhatsApp foi um desses modos de experimentação que promoveu condições de transmissão do inconsciente, ao sustentar uma lógica de trabalho que incluía o estético e o lúdico para construir um espaço de acolhimento dos efeitos transbordantes da violência incessante instituída como modo de governo. Esse meio de inscrição psíquica da experiência por meio de sua modulação apoiada na sustentação da rede afetiva grupal parece ter promovido as condições de resgate da confiança no pacto da fala, que levam a um dizer que resguarda sua opacidade constituinte, condição necessária às formações do Inconsciente que nos humaniza ao nos ligar libidinalmente ao outro do laço social. Construção do tempo da delicadeza.

Para concluir, incluo a mensagem que enviei ao grupo, prestes a concluir a escrita do texto:

*“Aproveito pra agradecer muitíssimo termos feito essa experiência conjunta.  
Quanto mais a revejo mais percebo o que ficou de feito e de efeitos  
em potência de fazer e de seguir fazendo!”*

Reafirmo a mensagem neste contexto, pois a considero representativa do que se passou e do que pode vir a se passar em outras oportunidades, em épocas talvez menos sombrias e, espero que sejam, tão importantes e formativas quanto estas foram para muitos de nós, além deste grupo específico.